

FICHA INDIVIDUAL

DADOS PRINCIPAIS (INDISPENSÁVEIS)

1. NOME: RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS

2. DATA E LOCAL DE NASCIMENTO

DATA: 26.12.45 LOCAL: SALVADOR

UF: BA

3. FILIAÇÃO: MANOEL FRANCISCO BASTOS e JOSELINA DE MENEZES BASTOS

4. IDENTIDADE: 205431 OR.EXP.: DFSP UF: DF DATA: 20 / 08 / 65

T. ELEITOR: 13104 ZONA: 7a. UF: BA DATA: 11 / 06 / 64

CPF: 008224771 / 49

5. FUNÇÃO OU CARGO COGITADO

Autoridade que nomeia,

6. ATIVIDADE E LOTAÇÃO ATUAL

Órgão ou Empresa

Local:

UF:

7. RESIDÊNCIA ATUAL (rua,número,bairro,cidade, UF e telefone)

SHCGN 705 - Bloco "F", Casa 5 - Asa Norte - Brasília-DF.

8. ESTADOS ONDE RESIDIU OU TRABALHOU (épocas aproximadas)

BAHIA (54/64) - Distrito Federal (64 em diante)

9. REGISTROS:

DADOS COMPLEMENTARES

10. RESIDÊNCIAS ANTERIORES (rua,número,bairro,cidade e UF)

SQS 108 - Bloco "J", ap. 105 - Brasília-DF.

11. ESCOLAS E UNIVERSIDADES QUE FREQUENTOU (nomes,período,cidades e UF)

Ginásial - Ginásio N. S. do Carmo (54/56) Col. Militar de Salvador

Colégio Militar de Salvador/BA - 62/64

Superior - Universidade Federal da Bahia (62/64) - UnB (65/75)

12. ATIVIDADES QUE EXERCEU (função, cargo,período,local,cidade e UF)

- Fundação Universidade de Brasília (67/69) - Centro Brasileiro de Estudos Indígenas - Unb (69/70)

- FUNAI - Assistente do Diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário (1975/80)

13. ESTADO CIVIL: casado CÔNJUGE: MARIA LUIZA DE LAVANÈRE BASTOS

NOME DE SOLTEIRA:

14. OUTROS DADOS (Identidade - OAB,CREA,CRM,Cart.Habilitação etc.)

ADMISSÃO FUNAI 01/9/75

Obs.: Caso necessário, completar os itens no verso

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DADOS DE QUALIFICAÇÃO DE RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS

(resumo)

- RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS

Filiação: Manoel Francisco Bastos e Joselina de Menezes Bastos

DLN : 26.12.45 - SALVADOR/BA

Identidade: 205431 - SSP/DF data: 20.08.65

Tit. Eleitor; 13104 - 7a. Zona - Bahia - data: 11.06.64

CPF : 008 224 771 - 49

Residência: SHCGN 705 Bloco "F" Casa 5 - Asa Norte - Brasília

Residência anterior: SQS 108 - Bloco "J" - Aptº 105 - Brasília

Escolaridade: Ginásio N. S. do Carmo 1954/56 - Bahia

Colégio Militar de Salvador - 62/64

Univ. Federal da Bahia 64/65

Univ de Brasília - 65/75

Atividades que exerceu:

Fundação Univ. de Brasília - Centro Brasileiro de Estudos Indígenas
(1967 a 1970)

FUNAI - 1975 a 1980

- Em janeiro/76, sobre o nominado foi procedida busca nos seguintes órgãos de Informações: DI/CIPO/SEP/BSB, SI/SR/DPF/DF, SSP/BA e SI/SR/DPF/BA. Nada foi constatado em desabono à sua conduta.
- Em 17.NOV.78, foi advertido pelo Presidente da FUNAI por tecer críticas à decisão do Órgão de autorizar o roteiro da novela "ARITANA" no Parque Indígena do Xingu.
- Em 14.MAR.79, o nominado foi destituído do cargo de confiança de ASSISTENTE DO DIRETOR DO DGPC como punição às críticas que fez à implantação do "Projeto Uruguai", da ELETROSUL, inclusive com sérias ofensas ao Governo (INFÃO Nº 019/79-ASI/FUNAI, de 19.MAR.79).
- Em 30.MAI.80, foi dispensado do quadro de pessoal da FUNAI.
- Em nov/80, esta Assessoria recebeu a Informação nº 22/1728/80-DSI/MINTER, de 21.NOV.80, na qual constamos seguintes dados sobre o epigrafado:

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

"d) RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS

1) Em JUL 68, como agitador e comunista da linha chinesa, exercia influência sobre os estudantes da UnB.

2) Em AGO 68, um dos incentivadores das agitações na UnB.

3) Em 69, foi dispensado do corpo docente e administrativo da UnB, "por ociosidade, atividades inconvenientes, acúmulo indevido de cargos e falta de credencial para o exercício de determinada função".

4) Em MAI 80, fazia parte de um grupo de atuação que dirigia suas ações de forma antagônica aos objetivos e à política governamental no problema indígena afeto à FUNAI (BRASÍLIA/DF e BELÉM/PA)."

- Em 08 JAN 81, obteve autorização (Autorização nº 002/81) para realizar pesquisa de "aculturação interétnica e intertribal" no Alto Xingu, Parque do Xingu, no período de 14 meses a partir da data de assinatura.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
- FUNAI -

Brasília - DF.

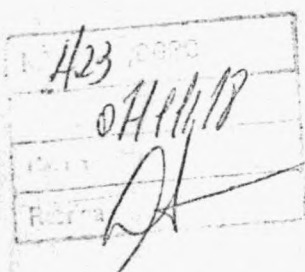
Mem. nº 393 /78 - DGPC

Em, 06.11.78

Do Assistente Rafael José de Menezes Bastos

Ao Senhor Diretor do DGPC

Assunto solicitação (faz)



Senhor Diretor:

Solicito a V.Sa. fazer chegar a S. Excia. o Presidente da FUNAI as minhas preocupações, como antropólogo e indigenista funcionário desta Casa, assim como, também, como xingüano, com relação ao assunto de que as matérias jornalísticas xerocadas, em anexo, tratam, qual seja, o assunto de transformação, através da telenovela, do índio brasileiro - especialmente o do PQXIN - em objeto de consumo exótico-turístico, isto ao arrepio da lei e da teoria e prática indigenistas.

As preocupações a que me refiro acima dizem respeito a aspectos sócio-econômico-políticos e culturais, primeiro, do âmbito da sociedade indígena do Alto-Xingu, segundo, da sociedade nacional brasileira, todos esses aspectos divisados não só sobre o prisma científico antropológico, mas, também, ético-jurídico.

Do ponto de vista do Alto-Xingu, do PQXIN, é notoriamente sabido que empresas da natureza acima mencionada são, no essencial e praticamente, nocivas ao índio e, pois, à FUNAI - na área ou na sede -, ao índio que, assim, é, mais uma vez, espoliado, incomodado, desrespeitado, etc, sem nada de positivo receber em troca, mas, somente, bugigangas e estereótipos.

Aliás, sob esse primeiro ponto de vista, de vo dizer que, já na minha obra A Musicológica Kamayurá (edi

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 02 =

tada por esta Casa), apontava para o impacto amplamente desorganizador e perturbador da presença exotista-turística no PQXIN, apontamento este que, inclusive, não fui eu o primeiro a fazer (veja-se também, por exemplo, a obra de George Zarur Parentesco, Ritual e Economia no Alto-Xinou, edição, também, da FUNAI).

Esse impacto se caracteriza tanto em termos puramente indígenas, das comunidades índias de per si, quanto, também, e muito relevantemente, dos esforços local e central da FUNAI, sobrepassados e ultrapassados amplamente pelas ações, ou faltas de, desses viajantes intempestivos, aos quais só interessa tirar proveito, de toda ordem, dos índios, nada oferecendo a estes: o importante aqui é o indígena como objeto de "curtição", nada este podendo, ao menos, "curtir", coisa de que, no PQXIN, só tenho notícia terem tentado fazer os membros do Ballet Stageum, o único grupo que lá foi, intencionalmente, mostrar aos índios costumes, padrões, etc civilizados, no caso, a dança.

A sábia proibição legal do turismo-exotismo com relação ao indígena brasileiro não é um mero maneirismo do legislador, tentando ela, isto sim, resguardar as sociedades aborígenas dos impactos destruidores da sociedade nacional, esmagadoramente mais forte esta que as comunidades indígenas, tradicionalistas as últimas por excelência, assim como, também, indefesas às compulsões características presentes no serem objeto de turismo, exotismo.

No sentido da evidenciação da magnitude desse impacto, observe-se a guisa de exemplo - e mesmo no plano nacional, embora tradicionalista -, como o turismo vem e está sendo nocivo para as subsociedades do Brasil à sua mercê, importante aqui sendo o caso típico do Recôncavo Baiano, quase que, culturalmente, em processo de esfacelamento e/ou de "mercenarismo cultural".

Isso tudo, embora muito brevemente, do primeiro ponto de vista. Do segundo, aquele que respeita às consequências na órbita da sociedade nacional brasileira, nada de positivo também se pode dizer com relação a novelas tais como a, em tão má hora, projetada e autorizada Aritana, que-absurdo dos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 03 =

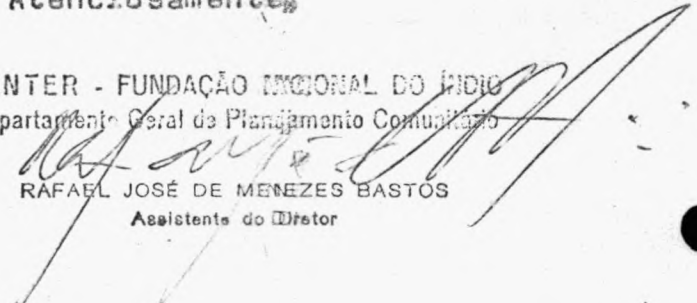
absurdos! - leva, ainda mais, o nome do Chefe Yawalapiti, digno de tanto respeito - por parte de todos, mas, especialmente, da FUNAI e dos índios Yawalapiti e do Xingu -, como qualquer Chefe de Estado.

Eu acredito, Sr. Diretor - e não somente creio, mas posso demonstrar, como tentei brevemente fazer - que tal no vela é absolutamente ilegal e nociva para o índio brasileiro, para, em particular, o xingüense e para, no geral, os brasileiros, em função do que solicito à Fundação o seu embargo, não se venha agora dizer que a Rede Tupi está, ao fazer novelas "indianistas", e a FUNAI, ao autorizá-las, almejando positivamente divulgar o índio, isto só se fazendo, no campo fílmico, não com novelas e quejandos, mas sim com: sérios cinemas etnográfico e didático.

Aguardando decisão de S.Exc^{ta}., o Presidente
subscrevo-me,

Atenciosamente,

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Departamento Geral de Planejamento Comunitário


RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS
Assistente do Diretor

RJMB/dcs.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

ENCAMINHAMENTO Nº 065/78 - DGPC

Ref.: Mem. nº 393/78-DGPC

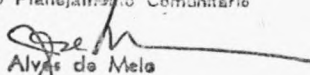
Senhor Presidente da FUNAI:

Encaminho a V.Excia. o mem. nº 393/78, de 06/11/78, de autoria do Assistente RAFAEL JOSÉ DE ME NEZES BASTOS.

Já que a novela em questão, está sendo assessorada pelos irmãos: ORLANDO e CLÁUDIO VILLAS BOAS e a Antropóloga CARMEM JUNQUEIRA (da PUC), seria o caso de se solicitar aos mesmos, manifestações sobre os assuntos abordados no expediente em apreço, embora a Imprensa venha noticiando as melhores intenções da produtora IVANI RIBEIRO, conforme recortes de jornais em anexo.

DGPC, 09 de novembro de 1.978

MINTER - Fundação Nacional do Índio
Dept°. Geral de Planejamento Comunitário


José Alves de Melo
Diretor

TELEVISÃO

HENRIQUE FRÓES

ARITANA

Nova novela da Tupi

É a história de um homem que, mesmo lutando contra moinhos de vento, confia no ser humano. A poluição do mundo ainda não o atingiu. Ele é um puro. "Um louco", dirão alguns. "Um idiota", acusarão outros. Talvez ele seja tudo isso e talvez não seja. Afinal em uma época em que discos voadores percorrem o espaço intrigando os cientistas, este homem puro e incorruptível ainda existe. Ele está vivo.



Carlos Vereza também está no elenco de Aritana

Filho de uma índia com um branco, ele traz para este mundo pseudo - civilizado todos os valores de sua raça. Os sonhos da sua gente. Da coragem ele fez a sua armadura. A liberdade é sua lança. A pureza é a sua força. Ele é o Dom Quixote do Século XX.

Ivani Ribeiro



Carlos Alberto Riccell, um dos principais papéis em Aritana de Ivani Ribeiro, que a Tupi estreia no dia 20

PSS.563/p.8/74

INTELLIGÊNCIA

HENRIQUE FRÖES

ARITANA

Nova novela da Tupi

A segunda unidade de gravações, da próxima novela das oito da Rede Tupi e as notícias que nos enviam via rádio do Posto Leonardo Villas Boas, no Xingú.

A bordo de um "Bandeirante Executivo" da EMBRAER, seguiu domingo, às 9 horas da manhã, com destino ao Posto Leonardo Villas Boas, no Xingú, a segunda unidade de gravações encarregada de fazer as cenas da novela ARITANA, passadas no Xingú, mais precisamente na aldeia indígena YULAPITI.

O pequeno atraso (a decolagem estava prevista para as 8:30 h) ocorreu em virtude da grande bagagem que a equipe levou e que teve que ser cuidadosamente arrumada para não sofrer danos.

A chegada ao Xingú se deu precisamente às 13:30 horas (horas de S. Paulo - 12:30, hora do Xingú), e o voo transcorreu sem incidentes, com apenas uma escala em Aragarças, para reabastecer o avião.

No Posto Leonardo Villas Boas, foram todos recebidos pelos Caciques Kanato e Aritana que serão os guias da equipe durante o período em que estiverem trabalhando no Xingú, nesta e nas próximas viagens que terão que fazer até lá, em função das várias cenas da novela que são passadas na aldeia indígena.

A segunda unidade é composta por: Luiz F. Gallon (Supervisor de Direção), Atílio Riccó (Diretor), Luiz Morozzi (Câmera), Humberto Pimentel (Operador de Audio), Wagner Mena (Técnico), além dos principais atores da novela, Carlos Alberto Riccê e Bruna Lombardi.

Na bagagem, todo o equipamento técnico necessário, além de um estoque alimentar constituído de café, leite em pó, açúcar, sal, carne seca, frutas, legumes, verduras, biscoitos e outras coisas mais. O carregamento maior porém foi de presentes para os índios. Nessa equipe chegou ao Xingú e, instantes depois, já distribuiu calças, botões, espelhos, tesouras, pinças para depilação, pilhas para lanternas, anzóis, linha para pesca, biscoitos, doces e caramelos para as crianças, e munição para armas de fogo que os índios já possuem e usam para caçar.

Comunicando-se com a TV Tupi-SP através da rádio, nossa equipe no Xingú já contou as seguintes novidades.

Todos dormiram durante a viagem, que durou quatro horas e meia, exceto Atílio Riccó e Luiz Gallon que preferiram ficar na cabine de avião conversando com o Comandante Túlio e o Co-piloto Costa Matos.

Na volta, o avião que deixou nosso pessoal em plena selva, realizou um voo que os pilotos chamam de "Viagem de Misericórdia", trazendo a bordo dois índios que vieram para São Paulo acompanhando uma criança gravemente enferma. Acionando o esquema de pouso de emergência, com contato com o Aeroporto de Congonhas, através de uma "ponte" feita pelo Aeroporto de Brasília, quando pousaram em São Paulo já havia uma ambulância na pista que levou o pequeno índio para um hospital, onde já se encontra fora de perigo.

Enquanto Comandante e Co-piloto aguardavam que fossem trazidos da aldeia a criança doente e seus acompanhantes, fizeram vários pousos e decolagens para que já fossem gravadas as cenas de ARITANA partindo de sua aldeia com destino à cidade.

Todos foram recebidos com muita festa e alegria pelos índios, mas a favorita ficou mesmo sendo Bruna Lombardi. Antes que os presentes que levavam fossem retirados do avião para serem distribuídos, Bruna pediu ao comandante tudo que havia no avião para ser servido à bordo e que não fosse consumido durante a viagem. Eram sanduíches, chocolates, balas, refrigerantes, doces, bolos e outras guloseimas, que logo ao descer começou a distribuir entre os índios. Assim, Bruna conquistou de imediato a simpatia de todos que não tardaram a retribuir o que haviam ganho com bocados de alimentos tipicamente indígenas. Bruna



BRUNA LOMBARDI

aquentou firme e, para não perder o "eleitorado" recentemente conquistado, começou de tudo com cara de quem estava adorando.

Carlos Alberto Riccê já fez vários amigos inseparáveis que estão lhe ensinando a ser um autêntico índio. Assim é que Riccê está tendo os melhores "Diretores de Ator" que poderia desejar para compor o personagem ARITANA.

O ritmo de trabalho tem sido intenso. Por determinação dos Diretores (Luiz Gallon e Atílio Riccó), todos estão acordando às 5:30 da manhã, fazendo ginástica até 6:00 e partindo logo em seguida para a aldeia da tribo Yulapiti, onde gravam até o fim da tarde. Haja saúde...

Atílio Riccó, está entusiasmado com a desenvoltura e a capacidade de interpretação do verdadeiro Cacique Aritana, "ator" de várias cenas que estão sendo gravadas em sua tribo.

Ainda de Atílio Riccó: "Não há no mundo dinheiro que pague a colaboração que os índios estão nos dando. Estamos nos sentindo em casa".

Ontem à noite, a equipe fez para os índios uma apresentação do material que já havia sido gravado. Todos assistiram a grande parte das cenas, porém, por determinação dos Caciques Kanato e Aritana, as mulheres (inclusive Bruna Lombardi) foram convidadas a deixar o local onde estava sendo apresentado o VI no momento que ia ser mostrada a gravação da dança "Jacui" que, segundo eles, só pode ser vista por homens.

As gravações previstas para a primeira visita ao Xingú já foram praticamente encerradas e, quinta-feira à noite, nossa equipe estará regressando, no mesmo "Bandeirante Executivo" da EMBRAER, que os levou até lá. A chegada em São Paulo está prevista para às 21 horas.

Os elementos da produção da novela que ficaram em São Paulo, já estão providenciando mais presentes para os índios que serão levados pela Comandante do avião quando for opanhar nossa equipe. O que mais pediram foram giletes e pilhas para lanternas.



CARLOS ALBERTO RICCÊ



Ivan Ribeiro

Agora, Ivani fala de índio, para garantir a audiência da Tupi.

Ivan Ribeiro é, sem dúvida, uma das mais produtivas escritoras brasileiras. Só nos últimos 14 anos escreveu 28 tele-romances, ganhando uma média de uma página por dia, num trabalho que ela começa irrevocavelmente às sete horas da manhã e termina, muitas vezes, depois da meia-noite. As novelas que ela escreveu, grande parte para a TV Tupi, são conhecidas. Mas Ivan Ribeiro (pseudônimo de Cleide Alves Ferreira) existe há muito mais tempo: escreveu radionovelas durante outros 14 anos e foi até rádio-escritora. Mas a carreira mesmo começou em 1933, quando ela cantava músicas folclóricas.

Entre as tradições que fez durar até hoje, o tempo, fala-se de um romance nunca publicado, de poucas feitas para crianças e lidas nos programas radiofônicos, além de vários romances que foram cantados na década de 40, por Sonia Carvalho. Nessa época também casou-se com o advogado Dárcio Alves Ferreira que, junto com Manuel Vilela, formou a dupla radionovela mais popular no interior de São Paulo com o programa "Os Índios". Ivan Ri-

beiro está casada com Dárcio até hoje, tem dois filhos, e mora na mesma casa há mais de 20 anos.

Das histórias que se contam dela, uma das mais é vivida: é o episódio que começa o romance branco rotulado de árvore, só aberto para poucas amigas, no qual a autora quase nunca tem acesso. Existe um certo exagero nessa afirmação, mas é verdade que suas diligentes empregadas cultivam no máximo que ela aceita atualizar o telefonema da imprensa. Vencida a barreira, porém, encontra-se uma conhecida, risonha, que gosta muito de contar casos, falar de seu trabalho, de seus personagens, de seus planos.

Hoje, ela vai falar de sua última novela, *Artemisa* (no ar, pela TV Tupi, a partir do final de novembro). O título (nome do personagem principal) não é apenas uma alusão vaga ao nome do filho de casaque *Artemisa*, chefe da tribo dos *Artemistas*, a uma das mais importantes castas indígenas xinguanas. A novela de Ivan Ribeiro conta a história de um menino índio (filho de um sacerdote e uma índia), chamado *Artemisa*, e sua luta para conseguir uma posse da terra hereditária do pai de pele que sua tribo é desalojada das terras onde vive. Uma tarefa árdua, sem dúvida, principalmente para quem, como Ivan, confessa conhecer pouco de índio brasileiro.

Não é essa a primeira vez que Ivan Ribeiro coloca no cenário de suas novelas o que se poderia chamar uma tentativa de reportar um fato que ela considera importante: a situação dos descendentes de indígenas. Ela já escreveu *Artemisa*, a psicoterapia de grupo (*As Bruxas*), a parábola do índio (*O Índio*) e o episódio (*A Viagem*). E, em novelas mais antigas, situações históricas, como a vida de Tiandentes em *As Doz Vidas*. Mas nem suas histórias podem ser esquecidas dentro dessa linha didática, como é o caso de *O Terceiro*

Pecado (escrita para a TV Excelsior, que conta a história de um emissário da Norte, mandado à terra para induzir uma jovem a cometer três pecados e, então, ser levada para sempre). Depois do segundo pecado, o emissário apaixonou-se por sua vítima e a morte, comovente, permite a sua assecção: tornou-se humano e casou com a moça.

Para *Artemisa*, a orientação está sendo dada pelos irmãos Orlando e Cláudio Vilas-Boss (que chegaram inclusive a ler os primeiros capítulos) e por Carmen Junqueira. Uma colaboração valiosa, é certo, mas é difícil saber se suficiente para impedir que o personagem seja estereotipado ou corriqueiro. Seu comportamento, seu se- melhante ao que um indígena brasileiro teria em contato com a cidade. Pelo menos um pouco Ivani resolveu o problema: todas as cenas que mostram índios serão filmadas no próprio *Artemisa*. Assim, o índio personagem Ivani interpretado por um ator será *Artemisa*. E se se pinto a tentativa de tornar a situação fazendo o filho de um sacerdote, cidadão pelo pai na cidade, até os olhos avers: "Ele é um índio e cultua os valores do índio, não com uma variação e mais: como seu pai era um branco, encontrou *Artemisa* a vida de uma criança, a destruição do índio pelo branco, os perigos dessa situação. Então, quando ele vem para a cidade, cabe se defender e não vai se submeter".

Outro ponto em questão é o tipo físico do ator que fará *Artemisa*. Carlos Alberto Ribeiro, um rapaz de pele e cabelos claros, rosto quadrado, e nariz aquilino. Um tipo nada semelhante ao nosso indígena. Mas, segundo Ivani, o ator possui os cabelos de preto, está bronzeado e teve a aprovação do próprio Cláudio Vilas-Boss. "E afinal diz ela — ele é filho de um homem branco, por isso essa característica". — "Ele possui um problema racial, mais

do que de ser resolvido: o da linguagem. O índio. Ela fala que estudou muito o problema e que *Artemisa*, como os indígenas, fala em períodos curtos, com muitas pausas, numa linguagem simples, pura e direta. Para desenvolver as situações da novela, Ivani diz que não tem preferência: "A pequena o estilo de linguagem e não que o índio fale. De qualquer maneira, sempre que surta uma dúvida, peço o telefonema e consulto os Vilas-Boss, para não cometer um erro, porque quero que a história do índio seja real e que todas as suas reações sejam possíveis. Por isso, até para a novela, eu escrevi para saber se era possível que um índio agisse com o *Artemisa* vai agir".

A maior parte da novela será passada numa cidade pequena, as filmagens serão em Embu, onde *Artemisa* viverá enquanto luta pela posse de sua terra. As situações são de encontros e desencontros, as barreiras paralelas e o grande desafio para a autora: provar que a situação cultural indígena o suficiente para não deixar as cenas do comportamento de um personagem índio em frente a situações novas. Ivani não sente medo desse desafio e, inclusive, uma solução já pronta se surge um impasse: "Não vou escrever a novela. Se precisar posso até criar uma relação falsa, mas ela será sempre coerente com o personagem *Artemisa*. Ele será puro, honesto, bom e livre. Garanto que muita coisa vai querer mostrar um *Artemisa* depois da novela".

Essas coisas certamente estarão sendo duradas os 13 capítulos da novela. Feliz do romance entre *Artemisa* e uma jovem índia (*Artemisa*) que entre outras coisas, vai ensinando a beleza e a cultura, como fazem os carabos quando se em- moram.

HELOISA DE ARAÚJO NOBREIA



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Senhor Diretor do DGPC

O Memo. nº 383/78 lança críticas por quem desconhece o roteiro da novela ou o seu "script".

Não se trata de "turismo exótico", como afirmado, mas sim uma apresentação cultural, tendo como motivo central um índio - que leva para a comunidade envolvente - e o demonstra - todos os valores de sua raça, em toda a sua pureza.

O tema é atual e oportuno, pois gira em torno do problema de terras, exatamente o maior problema com que se defronta a FUNAI nos dias de hoje.

Por outro lado, conhecedores da problemática indigenista estão assessorando a equipe, além da determinação desta Presidência ao Administrador do PQXIN para que acompanhasse a filmagem, a fim de serem evitados estereótipos.

Esta Presidência não pode admitir críticas de servidores às decisões tomadas. A capacidade decisória compete exclusivamente ao Presidente do órgão, cabendo aos demais servidores o seu acatamento.

Assim, que seja observado pelo servidor o limite de liberdade de opinião que esta Presidência sempre procurou consagrar, de modo a não atingir a fronteira da indisciplina, merecedora de sanção, por descabida.

Brasília, 17 de novembro de 1978.

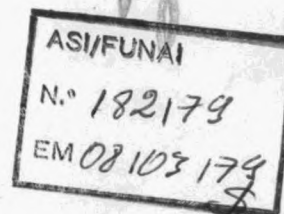
Ismarthy Oliveira
Ismarth de Araújo Oliveira
Presidente da FUNAI

Ciente. Aug.
Jul. 21/11/78



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

PSS. 563, p. 12/74



Ofício nº 0005/GR/79

Florianópolis, 03 de janeiro de 1.979.

Do Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina
Ao Presidente da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.
Gal. ISMARTH DE ARAÚJO OLIVEIRA

Encaminhe-se à DEP.
Em, 09/jan./79

ALDO OLMOS MOLINA
ALDO OLMOS MOLINA
Resp. p/Expediente do DGPC

Sr. Presidente :

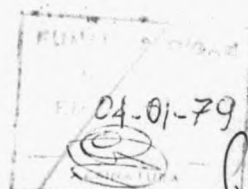
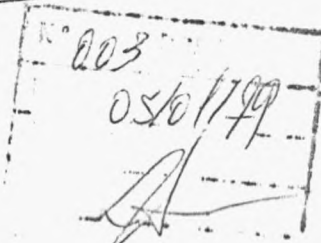
De acordo com o protocolo firmado com essa Fundação, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa. o relatório final do Projeto Uruguai - Os Barramentos e os Índios -, elaborado a pedido da Eletrosul pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Na oportunidade, reafirmo o interesse - desta Universidade em colaborar com essa Fundação e reitero protestos de consideração e apreço.

Prof. Caspar Erich Stemmer
Reitor

Ao Sr. Diretor do DGPC.

Em, 05/janº/79



Partes Raul
Ciência. DGPC.
Assist. 7/2/79



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

De ordem
Ao Assistente Rafael -

208. 12/01/89

A handwritten signature in dark ink, appearing to be 'C. S. S.', written over a horizontal line.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

ENCAMINHAMENTO Nº 012/79 - DGPC

Ref.: Ofício nº 0005/GR/79.

PSJ.563, p.14/74

ASI/FUNAI
N.º 185/79
EM 08/03/79

Exmo. Sr. Presidente:

Encaminho a V.Excia. o relatório da Fundação de Amparo a Pesquisa de Extensão Universitária, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Inicialmente foi ouvido o Antropólogo RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS, Parecer de nº 007/79, que teve críticas a Política Indigenista Brasileira em seus vários aspectos de forma um tanto ou quanto sensacionalista, ignorando as ações desenvolvidas pela FUNAI, calcadas em Legislação Indigenista específica: Lei - 6001, Dec.-Lei 58.824 que promulga a convenção 107, Dec. 76.999, Portaria nº 517/N/78, além de dispositivo constitucional, e outras normas baixadas por essa Presidência. Resolvi solicitar parecer técnico do Antropólogo JOSÉ MARINHO DOS SANTOS NETO, em anexo, de nº 008/79, que aprova na íntegra, tendo em vista sua maior objetividade, que além de trazer uma análise sociológica em profundidade, das comunidades indígenas Kaingang e Guarani do Sul do país, apresenta ainda sugestões com vistas a tomada de decisões, em relação as comunidades que deverão ser afetadas com possíveis inundações das barragens que serão construídas, próximo as localidades de: Cacique Doble (RS), Ligeiro (RS), Nonoai (RS), Irai (RS), Iraí (SC) e Chapecó (SC).

- a) constituição de um grupo de trabalho (GT), FUNAI/ELETROSUL S/A, visando encontrar soluções que se revistam de proteções e benefícios aos grupos indígenas, possibilitando indenizações justas, quantitativa e qualitativamente;
- b) que o GT, seja formado de equipe interdisciplinar, haja vista que vários setores das comunidades deverão sofrer reflexos das construções e inundações.

goh